

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

## **O filme “O Homem Que Virou Suco” Reflexão Acerca do Trabalho e Subjetividade**

**Angela Maria Corso<sup>1</sup>**

**Jefferson Dantas Santos<sup>2</sup>**

### INTRODUÇÃO

A arte se relaciona íntima e necessariamente com o “sistema da vida” dominante, de modo que os juízos estéticos e sociais estão em estreita correlação (WILLIAMS, 1979). Para Raymond Williams (1979) a análise marxista teria dado bastante ênfase à história material, não raro, entendendo-a como a história econômica, desprezando, em alguma medida, o debate acerca da cultura. Para o autor, a cultura também se constitui em materialidade, na medida em que esta é um modo de produção de diferentes formas de vida. Contudo, segundo o autor, a separação radical tornou a cultura como algo secundário, superestrutural, um campo de “simples” ideias, crenças, artes, costumes determinados pela base infraestrutural. Assim, segundo Williams (1979),

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela UNICAMP. Prof.a do curso de Pedagogia, na Unicentro/PR. Email: amcorso@hotmail.com

2 Doutorando em Ciências Sociais, pela UNICAMP. Bolsista do CNPq. Email: jefferson.dantass@gmail.com

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

O importante, no caso, não é apenas o elemento de redução; é a reprodução, de forma alterada, da separação entre “cultura” e vida social material, que tem sido a tendência dominante do pensamento cultural idealista. Assim, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear (WILLIAMS, 1979, p. 25).

Portanto, a arte, enquanto produto histórico, está sujeita aos constrangimentos do mundo social, não como uma superestrutura refletida da dimensão infraestrutural tal como ensajou um marxismo ortodoxo, mas constitutiva das experiências sociais e, portanto, materiais. Assim, um filme, um livro ou uma tela compõem particularidades que remetem a universalidade, de modo que é possível entender aspectos da sociedade a partir das artes e dos artistas.

Numa sociedade desigual como a brasileira, alguns cineastas se assumem como mediadores e reveladores da realidade através de filmes que dessacralizam a exploração/dominação capitalistas tão presentes na vida das camadas populares. Esse é o propósito do filme *O homem que virou suco*, dirigido por João Batista de Andrade em 1980<sup>3</sup>. O filme narra a história do poeta Deraldo, migrante paraibano recém-chegado em São Paulo, que tenta sobreviver da venda de seus cordéis, comercializados na rua, fato que, não raro, sofria ameaças dos fiscais que exigiam documentação para o exercício daquela atividade ou era tratado como vagabundo pelos outros trabalhadores.

A situação do poeta paraibano na cidade grande fica ainda pior quando é confundido com Severino e é perseguido pela polícia em razão da sua semelhança com o operário que havia assassinado o seu patrão na entrega de um prêmio de operário símbolo. Ambas as personagens são interpretadas por José Dumont.

Por não conseguir provar sua identidade, Deraldo decide fugir da polícia, a

---

3 Dirigiu também *Liberdade de Imprensa* (1967), *Migrantes* (1973), *Doramundo* (1978), dentre outros.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

personagem experimentará diversas situações precárias de trabalho, exposto a discriminação e hostilidade destinada aos nordestinos, tal como expunha um de seus folhetos “enquanto a fortuna dorme, a desgraça não descansa”. Experimentará, também, uma vida severina, numa menção à *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, escrito em 1955, que cristalizou essa imagem de uma vida miserável, repleta de embargos. A vida trágica de Deraldo “permite ao filme fazer um corte vertical na sociedade: favela, burguesia, construção civil, metalúrgicos, mendigos, etc” (BERNARDET, 2003, p. 271). Essa é a *via crucis* de Deraldo na pele de Severino.

## A IMIGRAÇÃO DOS NORDESTINOS PARA SÃO PAULO: ESPERANÇA E SOFRIMENTO



**Cena 1: Deraldo na obra do edifício.**

A cena da obra do edifício permite uma análise de aspectos da migração de nordestinos para São Paulo ao longo dos anos 1960, bem como o lugar que eles ocuparam e como foram tratados pela cidade. Os movimentos migratórios tiveram uma importância

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

destacada para a história do capitalismo brasileiro. No tocante à migração de nordestinos para a região sudeste, destaca-se o período de 1950 e 1960, devido à estagnação econômica e constantes secas nos estados do nordeste, bem como, o auge do modelo substitutivo de importações, que atraiu grandes contingentes para o eixo Rio-São Paulo. Essa migração essencialmente urbana<sup>4</sup> forneceu a força de trabalho necessária ao desenvolvimento e modernização urbano-industrial do país, pois constituiu um exército de trabalhadores, possibilitando aos capitais a manutenção de baixos salários.

Quando os trabalhadores nordestinos chegavam a São Paulo ao longo dos anos 1960 e 1970, uma maioria era composta por negros e “60% dos trabalhadores que migravam para a capital paulista eram analfabetos” (FONTES, 2008, p.64). Esses migrantes encontravam condições pouco favoráveis, restando-lhes a ocupação de áreas pobres, sem saneamento básico nas periferias da cidade. Os nordestinos encontraram uma situação em que as oportunidades de mobilidade social já haviam sido preenchidas pelos imigrantes europeus que chegaram no início do século XX, cargos com qualificação e melhores salários, por exemplo. Assim, os migrantes nordestinos tiveram que ocupar posições subalternas e pouco valorizadas (FONTES, 2008). O filme retrata muito bem como a intensificação do crescimento aprofundou os níveis de pobreza nos grandes centros.

Num país onde o padrão branco europeu é valorizado, a presença de negros e pobres nordestinos passa a ser vista pela elite como responsável pela pobreza, desemprego e violência. Tão rapidamente a questão social é criminalizada e tratada como caso de polícia e não de política. Não raro, ocorreram repressões contra diferentes manifestações sociais de setores populares na cidade. Repressões que buscaram anular, aniquilar, intimidar movimentos, sindicatos, partidos, suas bases e lideranças (IANNI, 1992).

---

<sup>4</sup> Houve, em outros momentos contingentes de nordestinos para a Amazônia, construção de Brasília e para o campo paulista, contudo nos ateremos à cidade de São Paulo como destino.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Quando Deraldo chega à obra do edifício, as contradições e a desigualdade social saltam aos olhos, sendo que a maior parte dos trabalhadores era negra. O chefe da obra logo diz a Deraldo “o trabalho aqui é dureza, não é como no norte”. O tratamento conferido pelo chefe da obra aos trabalhadores revela o assédio moral e as péssimas condições de trabalho a que os migrantes nordestinos foram submetidos para “ganhar” a vida na cidade grande. Não havia uma regulamentação do salário e, muitas vezes, o salário era diluído nas refeições e na moradia, como mostra a fala do chefe para o Deraldo: “o que você economiza morando aqui também é salário”. Quando Deraldo reclama do salário baixo, o chefe aponta outro trabalhador da obra como um operário satisfeito pelas condições de trabalho e de salário. Já, este, balbucia, mas não consegue falar do seu descontentamento.

Além disto, a presença de Deraldo na construção evidencia as contradições da sociedade brasileira e do modo de produção capitalista. Um prédio de luxo que buscava mudar o padrão de moradia na capital paulista, construído sob o sangue dos trabalhadores pauperizados e humilhados, em péssimas condições de trabalho: ambiente sujo, barulhento, sem equipamentos de proteção pessoal e amontoados em um cubículo. As mazelas e degeneração dos trabalhadores se acentuam nas cenas do filme e mostra que as taxas de crescimento que apontavam o “tempo de milagre” econômico aprofundaram a desigualdade social e a exploração dos trabalhadores nos grandes centros urbanos.

De modo geral, a concentração dos meios de produção nas mãos de uma parcela cada vez menor da população é a tendência histórica do modo de produção capitalista, ou seja, é a *lei histórica do capital*. Marx (1983), diz que tal tendência centraliza a riqueza mundial em um pólo de poucos indivíduos economicamente privilegiados, ao mesmo tempo em que produz e aumenta no pólo oposto a “revolta da classe trabalhadora, sempre numerosa, educada, (re)unida e organizada pelo próprio mecanismo do processo de produção capitalista” (Marx, 1983, p.294). Deraldo, de algum modo, representa a resistência do trabalhador em relação às mazelas e às condições subumanas a que os

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

trabalhadores são submetidos diante da liberdade de vender sua força de trabalho.

Outra contradição posta é o momento em que Deraldo discute com o mestre de obras que também é um migrante, sugerindo que ele introjetou a ideologia do patrão através dos seguintes versos: “Tem gente que vem do Norte só causa decepção, você é mestre de safadeza, conheça a tua bravura, puxa-saco do patrão”. Esta cena nos remete a Lukács (1979) que, ao conceber o ser social e seu processo de reprodução a partir do trabalho como categoria fundante do mundo social, levanta duas posições teleológicas<sup>5</sup>: a primária e a secundária.

A primeira é referente às relações do homem com a natureza e a segunda diz respeito às relações intersubjetivas, como um componente da ideologia. Isto é, para além da nítida exploração naquela obra, concorria contra os trabalhadores a ideologia do patrão, no sentido de captura de suas subjetividades (despersonalização dos indivíduos), buscando criar um consenso entre os trabalhadores de que aquela obra era uma grande oportunidade de inserção no mercado de trabalho, ensejando ainda que fossem obedientes, não reclamassem e produzissem sem causar embargos para os proprietários da obra.

---

5 A teleologia tem para Lukács o caráter de finalidade, pois o resultado final da fabricação de um valor-de-uso estava já projetado (representado) na forma de objeto ideal na mente do seu produtor. Neste sentido, para Lukács, o trabalho é primário, e a própria ontologia se faz através do trabalho. O trabalho pode ser considerado o fenômeno originário, o modelo do ser social é o que diferencia o homem dos outros animais.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

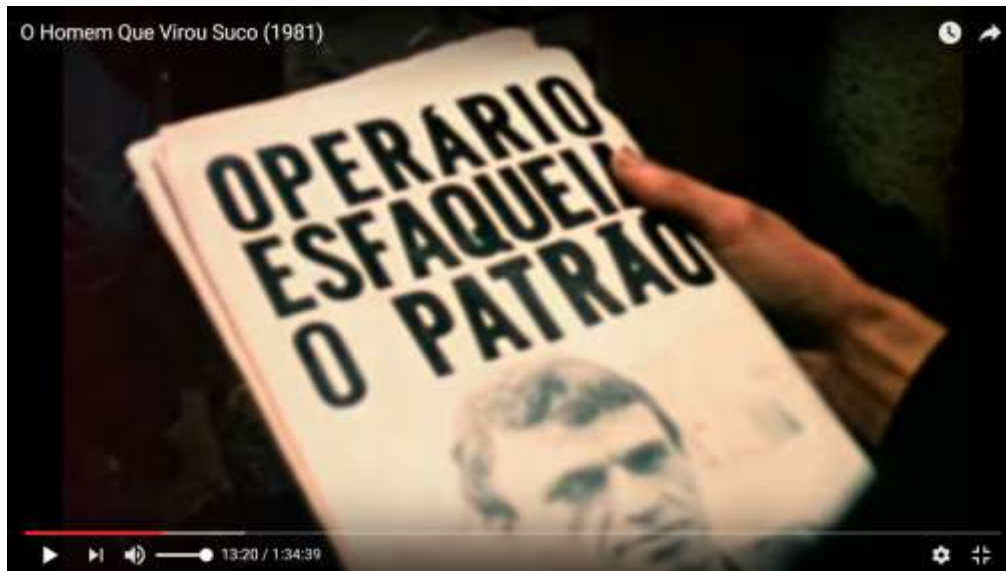


**Cena 2: Fiscal recolhendo os cordéis de Deraldo.**

O filme, ao problematizar os embargos, as péssimas condições de vida e trabalho de migrantes nordestinos na capital paulista, também traz a questão da política de racionalização da migração e o preconceito com o nordestino. Várias cenas possibilitam levantar essa discussão, uma delas é quando Deraldo tem seus folhetos confiscados pelo fiscal da prefeitura e este pede os documentos que o poeta não possui - “isso aqui é São Paulo, não Nordeste”, “Aqui não é a Nicarágua para fazer baderna”. No discurso do fiscal, o Nordeste é visto como um lugar atrasado, menos civilizado e, os nordestinos, como ignorantes e incivilizados, com cultura inferior aos paulistas e também como promotores de pobreza.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org



**Cena 3: Deraldo descobre sua semelhança física com Severino.**

O pensamento antidemocrático e antirrepublicano, nos acompanha há muito tempo, pois as estruturas jurídico-políticas e sociais são pesadas por conta do anacronismo e uma mentalidade pouco moderna, mostrando o Brasil como um lugar que ainda confunde direito com privilégio (IANNI, 1992). Igualmente exemplar é a cena que mostra a polícia em busca da arma do crime no barraco de Deraldo. O poeta tenta explicar ao policial que o assassino é outra pessoa e mostra a diferença dos nomes, o policial reage “mas todos esses paus de arara são Silva<sup>6</sup>”, “mexer com pé de chinelo é foda” e “vai gostar de uma peixeira na puta que o pariu, hein!”. Deraldo conhece apenas a face policialesca do Estado, não tinha nem documentos, pouco parecia estar numa república.

---

6 O termo “pau de arara” marca a precariedade o processo de integração do mercado de trabalho e de migração de trabalhadores do nordeste para São Paulo. Os nordestinos homens, mulheres e crianças eram transportadores “empoleirados” em caminhões, sem nenhuma condição de segurança ou higiene do nordeste para São Paulo.



# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

## REPRESENTAÇÃO MORAL DO TRABALHO: POESIA NÃO É TRABALHO!

A cultura ocidental, hoje “globalizada”, parece-se mais com um barco à deriva, ou, como explicou Marx em sua famosa frase do *Manifesto Comunista*: na sociedade regida pelo capital, devido à fluidez de suas relações socioculturais, “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Para Marx, todas as representações culturais que fundamentavam a cultura pré-capitalista foram transformadas em frias e objetivas relações de produção capitalistas.

No capítulo XXIV de *O Capital*, Marx explica as condições históricas que antecederam o capitalismo, mostrando-o como o modo de produção capitalista resulta de um longo processo histórico de separação entre o homem e a natureza e das condições objetivas de sua subsistência, que deixou os trabalhadores numa situação em que a sobrevivência se daria através da venda de sua força de trabalho. O processo de dissolução que transforma os indivíduos em trabalhadores assalariados é um produto fundamental do processo de valorização do capital.

Elencamos duas cenas que permitem a análise da questão da representação moral do trabalho. Ambas relacionam o trabalho ao reino das necessidades humanas, com uma tendência de direcionar o trabalho como dever, obrigação e disciplina. São manifestações morais, políticas e religiosas, extremamente necessárias para implantação e manutenção do sistema capitalista, já que conformam os trabalhadores aos embargos estruturais presentes na relação entre esses pólos antagônicos. A primeira cena Deraldo cumprimenta a vizinha e ela o questiona: Conseguiu um emprego? Ele brinca olha se eu soubesse quem inventou o emprego eu mandava fuzilar. Você acha que a vida é só cantar seu Deraldo, a vida é dura, é pegar no batente. Deraldo mostra sua poesia impressa e pergunta: Dona Mariazinha na sua concepção isso aqui não é trabalho não? Ela responde isso é diversão! Já na segunda cena o poeta tenta tomar um café no boteco da vila e pagar com poesia e é desacatado pelo proprietário do estabelecimento: Poesia Sr Deraldo? Vai trabalhar seu vagabundo em vez de ficar o dia todo em poesia.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)



Cena 4: Deraldo com a vizinha na vila.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)



**Cena 5: Deraldo maltratado no comércio.**

A cena em que a vizinha de Deraldo zomba do fato de ele trabalhar como poeta, sugerindo que ele busque um “trabalho de fato”, que “pegue no batente” como o seu marido, que “acorda cedo e dorme tarde”, evidencia que, mesmo sendo da mesma classe social, ela parte de um pressuposto colocado pela racionalidade burguesa. Deraldo, por seu turno, retruca com ironia “descobri agora o motivo de sua boa vida”, afinal ela era tão miserável quanto ele.

O mesmo se passa na cena seguinte, na qual o poeta pede um café no bar e o proprietário o desacata dizendo “desde quando poesia é trabalho?”, fazendo referência ao seu trabalho árduo para adquirir cada coisa que compunha o estabelecimento. Neste caso o trabalho é representado como uma necessidade e um dever que garante a sobrevivência digna do ser humano e aquisição de bens materiais. As representações morais do trabalho: o labor cotidiano como imperativo moral, ao mesmo tempo como necessidade social de ganhar o pão de cada dia é evidenciado nas duas cenas, também nas duas cenas a

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

atividade de um artista jamais pode ser considerada como trabalho<sup>7</sup>.

A palavra poesia vem do grego antigo “poiesis”, que significa “trabalho”. No filme, que retrata a vida ocidental moderna, a poesia de modo algum é vista como trabalho e o poeta nordestino é representado como desprovido de qualquer condição de ser reconhecido ou de reconhecer-se nos produtos do seu trabalho, da sua arte. Talvez pelo pressuposto de que as formações sociais voltadas para o valor de uso são negadas pela forma capital-trabalho e transformadas em relações de produção capitalistas. Porém, o mais impressionante no filme é que o poeta Deraldo sonha em viver da sua poesia e resiste às imposições da normatização do trabalho que encontra em São Paulo, embora, por vezes, seja humilhado, maltratado e, pela necessidade imediata de sobreviver na cidade, está sempre tentando encontrar um trabalho assalariado que garanta uma sobrevivência humana mais digna na metrópole paulistana.

Retomando Marx, “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 1983, p. 149). É neste sentido que podemos compreender que as diferenças entre os diversos modos de produção estão apenas na forma como se dão as relações de produção, como explicado n’*O Capital*: “Não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz, é o que distingue as épocas econômicas” (MARX, 1983, p. 151). Assim, o trabalho, no sentido de produção de bens simbólicos, constitutivos da vida humana, não é concebido como trabalho no modo de produção capitalista. Contudo, se a arte é transformada em mercadoria, esta passa a ter seu valor como mercadoria, o trabalho contido nela passar ser considerado.

---

7

No Brasil contemporâneo, depois do impeachment da presidente Dilma Rousseff, o Ministério da Cultura havia sido transformado em Secretaria, incorporada ao Ministério da Educação por algumas semanas, fato que gerou resistência e crítica por parte de artistas por todo o país, exigindo de volta o status de Ministério. Dias após, o presidente Michel Temer se viu forçado a recriá-lo. Contudo, o deputado federal Marco Feliciano sugeriu que os artistas fossem trabalhar e buscassem o Ministério do Trabalho, ou seja, até hoje as pessoas têm dificuldade de entender a arte como o exercício de uma profissão e o artista como um trabalhador.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

A categoria trabalho transformada meramente em mercadoria é, para Marx, uma categoria específica do modo de produção capitalista. Somente nessa forma social voltada para o valor de troca, como forma predominante de relação homem-natureza, que esta relação aparece como uma relação de confronto, de estranhamento, ou seja, *alienada*. Porém, na relação capital-trabalho, a natureza, aparece como algo estranho ao indivíduo que a produz, pois o controle do processo de produção, diferentemente das formas sociais anteriores, é externo a ele. “O conceito de alienação de Marx compreende as manifestações do “estranhamento do homem em relação à natureza e a si mesmo”, de um lado, e às expressões desse processo na relação entre homem-humanidade e homem e homem, de outro” (MÉSZÁROS, 2006, p.21).

A famosa passagem do texto de Marx que demarca no trabalho a diferenciação entre o homem e o animal, pela capacidade prévia do ser humano em idealizar o resultado de seu trabalho, o está tratando em seus elementos simples, como atividade orientada para produzir valores de uso, em qualquer formação social. Portanto, o trabalho é representado como atividade essencial, como princípio da atividade humana, como o ato pelo qual o homem transforma a natureza e se transforma mediante sua ação.

Contudo, “a abordagem da categoria ‘trabalho’ pelo método histórico-dialético nega que se trata de uma concepção historicamente homogênea, isto é, a noção de trabalho não é uma vaga ideia que se aplica indistintamente a qualquer atividade que o homem faz para sobreviver” (NOSELLA, 2002, p. 30). Esta categoria tem sido representada de diferentes formas e em diversos contextos, o que nos permite afirmar que o trabalho - como realização do homem, no capitalismo, sofre um deslocamento do seu sentido originário e é entendido por Marx como a alienação do homem pelo próprio homem.

Para Marx, a *força de trabalho* é “o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie” (MARX, 1983,

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

p.139). Isso quer dizer que, segundo o autor, para que o indivíduo seja submetido à venda de sua força de trabalho no mercado, está pressuposto que tenha ele sido separado (violentamente) de todas as formas de propriedade da natureza e lhe restado como única propriedade esta capacidade de dispor de sua energia vital, como mercadoria, ou seja, de indivíduos “lançados no mercado de trabalho como proletários livres como os pássaros” (MARX, 1985, p. 263).

No caso do filme, o personagem principal - Deraldo, embora evidencie suas faculdades físicas e espirituais na produção da sua poesia, não lhe resta alternativa a não ser vender sua força de trabalho ao mercado. Tal constatação reforça a dualidade e a objetividade da categoria trabalho na sociedade capitalista. Ora, se no princípio ela poderia ser representada como o princípio da atividade humana, agora pode ser representada como atividade que reitera a exploração da classe trabalhadora pela classe burguesa.

## FORMAS DE CAPTURA DA SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR: A SOLIDARIEDADE DE CLASSE SUBSTITUÍDA PELO INDIVIDUALISMO

As representações da categoria trabalho são construídas historicamente com todo um aparato ideológico para impedir que o trabalhador perceba a relação do trabalho, no modo de produção capitalista, como uma relação totalmente desigual, de exploração e degeneração de uma classe sobre a outra. Segundo Lefebvre (2006), na sociedade capitalista, as representações dissimulam a base sobre a qual se estabelece este modo de produção. São estas representações que definem o operário assalariado, o trabalhador como qualificado ou não qualificado e o contrato de trabalho como justo contrato entre o assalariado e o possuidor do capital e o bom trabalhador e o mal (não empregável/desajustado).

Nessa dissimulação, a ideologia assume um papel importante, já que nela se encontram meios para semear seu culto, por exemplo, o culto de que o trabalho dignifica

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

o homem, que o trabalho é o sentido da vida, enfim, que o não-trabalho é sinal de vagabundagem. Como diz Mészáros (2005, p. 15-16) “(...) no capitalismo – a sociedade mais desigual de toda a história – para que se aceite que ‘todos são iguais diante da lei’, se faz necessário um sistema ideológico que proclame e inculque cotidianamente esses valores na mente das pessoas”.



**Cena 6: Operário-símbolo na cerimônia do prêmio.**

Na cena José Severino é chamado para receber o prêmio como operário-símbolo, porém no momento da premiação o operário José Severino já não trabalhava na empresa, tinha sido demitido. O discurso do empresário americano sobre desenvolvimento do país e produtividade remete ao espírito do capitalismo, como afirmam Boltanski e Chiapello (2009), pois grande questão objetiva do capital é encontrar onde investir e crescer, com a justificativa que isso é bom para todos. Cabe então, em especial, o papel da ideologia, pois se o trabalhador tivesse clareza dos fundamentos do capitalismo, o capital teria dificuldade de se sustentar. De modo geral, o capital precisa que o trabalhador esteja

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

convencido, que aceite trabalhar e que trabalhe com envolvimento e, se preciso, submetase à ordem do patrão, mesmo que essa seja denunciar seus companheiros de trabalho, como aconteceu com o José Severino, que com a promessa de uma condição melhor de trabalho e salário, delatou seus companheiros que organizavam um ato de greve por melhores condições de trabalho e salário para o coletivo.

No capitalismo, o conjunto ideológico é mobilizador. O discurso é para convencer o trabalhador a trabalhar e ascender socialmente pelo trabalho árduo e qualificado e pela obediência e fidelidade ao patrão. José Severino, o operário-símbolo, segundo seus companheiros de trabalho, sempre ambicionou crescer na empresa, treinava no torno mecânico, mesmo não sendo esta sua função, afinal era agente de limpeza da fábrica. O torneiro mecânico Olavo era sindicalizado e, com os demais trabalhadores, estava preparando uma greve, contudo Olavo foi preso pela polícia e Severino assumiu o seu lugar definitivamente. A greve foi adiada devido à prisão de Olavo, porém os torneiros da indústria decidiram fazer uma operação-tartaruga, ou seja, a diminuição premeditada do ritmo de trabalho. Severino, por sua vez, não compartilhava da mesma posição e continuou a produzir continuamente, logo foi convidado pelo diretor da empresa para uma conversa, o qual fez o seguinte discurso:

Nossa empresa é uma das mais importantes do país, sempre encaramos tudo com seriedade, temos compromissos com seu fabuloso país em busca de se tornar uma grande nação. Eu sou estrangeiro e aqui represento o espírito do povo americano contribuindo para a chegada desse futuro. Nós sabemos que esta fase é difícil e exige o sacrifício de todos, pois o importante é crescer. Não é possível o bem-estar sem uma opção acumulada, primeiro crescer depois distribuir a riqueza. Nossos salários são fixados pelo governo, estudos que nós respeitamos e que são realistas.

A cena não mostra, mas podemos inferir que Severino entregou o operário Luizão que é demitido por organizar a operação-tartaruga. Contudo, houve um revés com o qual Severino não contava: os outros operários se recusaram a trabalhar ao seu lado, assim o



# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

patrão decide demiti-lo em virtude do prejuízo. Em vista disso, Severino, no recebimento do prêmio, sentindo o peso da delação e do desemprego, decide matar o patrão.

Quanto à delação de Severino, ou seja, a adesão do trabalhador às exigências do patrão, como nos referimos no caso do mestre de obra anteriormente, o capitalismo cada vez mais tem desenvolvido mecanismos de controle em relação aos trabalhadores, visando aplainar o sentido crítico que deles pode brotar, isto é, tentar suavizar a relação capital-trabalho. São técnicas e teorias administrativas, pensadas para a manutenção dos índices de produtividade das organizações, sempre buscando afastar os riscos de dissenso por parte dos trabalhadores, conformando-os para um tipo de realidade.

Neste cenário, a solidariedade de classe é substituída pelo individualismo, como vimos na cena do filme. Nesse contexto, as péssimas condições de trabalho, a pouca expressão dos sindicatos, o sentimento de classe diluído, cria uma “sociedade do salve-se quem puder” que expõe a fragilidade das relações de trabalho e dificulta ações consensuais democráticas e participativas. Resultado do mercado competitivo, de um grande exército de reserva, da necessidade de *performance* para inserir-se ou manter-se no mercado.

A regulação pública do trabalho, que é a construção de regras que nortearão o trabalho a partir das negociações públicas (fora do âmbito da empresa) é que impõe limite na forma da empresa contratar. Cada país configurou de forma distinta a forma de regulação social do trabalho. As cenas que mostram as relações de trabalho ilustram as péssimas condições para a sua execução e a pouca ou quase nenhuma regulamentação social do trabalho e as estratégias para diminuir a tensão da relação capital-trabalho. A exploração do trabalho, inclusive do trabalho de crianças e mulheres, nesta fase do capitalismo no Brasil foi perversa, mesclando formas pretéritas e atuais de trabalho, mas também fez com que os trabalhadores em seguida se organizassem através de sindicatos de ofícios na luta por melhores condições de trabalho.

O empresário americano ao se reportar a Severino o chama de responsável,

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

valorizando o seu ascetismo. Ajuizava Max Weber que o trabalho era encarado por setores do protestantismo de modo ascético por conta da promessa da salvação, como forma de alcançar o reino dos céus, ou seja, a conduta intramundana remete ao seu destino. Max Weber (2004) mostrou que havia uma afinidade eletiva entre a cultura capitalista e a ética do protestantismo. Para tanto, o autor inventariou algumas máximas de Benjamim Franklin, dentre elas, destaque-se: “lembra-te de que tempo é dinheiro”, “lembra-te de que dinheiro é crédito”, “dinheiro gera mais dinheiro” ou ainda “as mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas” (WEBER, 2004).

Essas máximas e práticas foram ainda levadas a cabo pelos calvinistas, pietistas, metodistas e seitas anabatistas, todas ao seu modo representavam o protestantismo ascético. Agora, contudo, Luc Boltanski e Eve Chiapello (2009) mostram que o capitalismo tem novo espírito, imbuído de um sentido secularizado, como um fim em si mesmo, ou ainda, como uma espécie de esporte. O capitalismo não só se sustenta no afã do lucro, mas também ancorado em princípios que justifiquem a conduta dos sujeitos no sistema econômico, portanto uma “ideologia que justifica o engajamento no capitalismo” (BOLTANSKI E CHIAPELLO, 2009, p. 39). Na análise desses autores são identificados três momentos do espírito do capitalismo, quais sejam:

1. No espírito do capitalismo havia uma “moral de poupança, dotado de valores de autocontrole, comedimento, restrição, labor, regularidade, perseverança e estabilidade apreciados na empresa” (BOLTANSKI E CHIAPELLO, 2009, p. 189). Este era o *ethos* do capitalismo do século XIX, marcado pelas contradições entre a aventura capitalista e os valores familiares;

2. O espírito do capitalismo baseado numa disjuntiva entre a vida privada e profissional, do lar e do escritório, da opinião pessoal de um lado e das competências profissionais, por outro. Este espírito foi alimentado pelo fordismo/taylorismo, portanto tratava-se do espírito da Era de Ouro do capitalismo, caracterizado por uma sociedade de

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

produção e consumo em massa. Essa relação entre fordismo e o modo de vida foi analisada em *Americanismo e Fordismo* por Gramsci, o qual mostrou a necessidade das organizações na vida dos trabalhadores. Tratava-se do “maior esforço coletivo realizado até agora para criar, com rapidez incrível e com uma consciência de fim jamais vista na história, um novo tipo de trabalhador e de homem” (GRAMSCI, 1996, p.397);

3. O terceiro espírito do capitalismo configura-se como um rearranjo provocado pela crise dos anos 1970, o declínio do modelo fordista-keynesiano, a proeminência das empresas asiáticas no cenário internacional. O novo espírito do capitalismo se torna mais evidente a partir dos anos 1980, caracterizado pelas mudanças tecnológicas e administrativas ditadas pela acumulação flexível, transformações que afetaram as relações de trabalho, emprego e desemprego em escala global.



**Cena 7: Severino acometido por doença mental.**

Na cena acima Deraldo vai a procurar de José Severino, na tentativa de esclarecer o mal-entendido sobre a acusação que caiu sobre Deraldo pelo assassinato do empresário americano, porém Deraldo encontra José Severino num estado de perturbação mental.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Está cena chocante, mostra que o desemprego não só se apresenta ao trabalhador como um prejuízo de natureza econômica: orçamentos das famílias, da estrutura de suas despesas, da evolução de suas compras. Mas, também, como uma experiência subjetiva, que compromete a sociabilidade e saúde, podendo debilitar a subjetividade. Na cena em que Deraldo vai ao encontro do operário Severino, o operário apresenta um estado de perturbação mental, algo como esquizofrenia, projetando inimigos imaginários, provocado pelas situações que vivenciou no trabalho nos últimos dias, desde a delação de Luizão, o prêmio de operário símbolo e a inesperada demissão. Severino perde o laço de solidariedade que teria caso estivesse optado pelos pares. No entanto, experimenta um vazio existencial provocado por sua escolha e sente-se traído pela empresa, para a qual deu tudo o que pôde, subordinou-se ao máximo, sempre dentro da linha e foi esmagado, exaurido até o caldo e jogado feito um bagaço. Severino não se deu conta que seu vínculo com o patrão era inautêntico, meramente contextual, vínculo que espremeu sua subjetividade e o levou à loucura.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

## A CRUELDADE DO CONSTRUTO IDEOLÓGICO



Cena 8: Deraldo assiste ao recurso audiovisual na obra do metrô.

Nesta seção, discute-se o construto ideológico que foi necessário para convencer o nordestino a aceitar e se adaptar às formas de exploração do trabalho nos grandes centros. Duas questões aparecem neste cenário: a promessa de uma vida melhor na grande São Paulo e o trabalho como pressuposto básico para ascender socialmente. Neste sentido, o trabalhador que não se adapta à normatização do trabalho, carrega o peso de um sujeito socialmente desqualificado, implicando aqui todas as conotações do termo.

Uma das cenas mais marcantes do filme é quando Deraldo vai até a obra do Metrô, em um recrutamento de trabalhadores com uma espécie de treinamento com um audiovisual. Neste audiovisual, que seria repetido três dias consecutivos, o nordestino é extremamente humilhado, sua cultura é desqualificada e menosprezada. O audiovisual trata da história de um nordestino que foi para São Paulo e não aceita os processos de trabalho ao qual é submetido. A personagem do audiovisual, por não aceitar trabalhar nas

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

condições impostas pelo mercado, aparece como um sujeito rebelde, preguiçoso e a cultura do nordestino é totalmente ridicularizada. O conteúdo do audiovisual é um material utilizado para convencer o trabalhador nordestino a aceitar e se adaptar à normatização do trabalho e para colocar os imigrantes dentro da nova realidade paulista. Porém, Deraldo não suporta o conteúdo do material, ficando emocionalmente abalado, indignado e triste, pois vê sua subjetividade exprimida de forma inferiorizada e ridicularizada pela história do audiovisual.

A cena retrata de forma muito clara que o capital precisa do trabalhador convencido, que aceite trabalhar e que trabalhe com envolvimento, que seja lucrativo para o capital. Nesta perspectiva, qualquer indivíduo pobre, desde que trabalhe, pode se adaptar e encontrar um bom posto de trabalho e ascender socialmente, ao contrário, tem-se a decadência social do indivíduo. O treinamento a que os nordestinos são submetidos para trabalhar no metrô dissimula o real, trazendo como elemento fundamental o fracasso profissional dos nordestinos na suposta incapacidade, desinteresse, rebeldia ou a possibilidade de ascensão social pelo trabalho e pela obediência.

Desprovido dos meios de produção e sem ter outra possibilidade de, honestamente, manter-se vivo em São Paulo, Deraldo tenta se inserir no mercado de trabalho, submete-se às péssimas condições de trabalho, mas também resiste à exploração explícita a que os trabalhadores são submetidos. Contudo, a maioria dos nordestinos, vindos de situações de extrema pobreza, chegam à São Paulo e são pressionados a ter uma performance para se inserir ou manter-se no mercado. Não tendo alternativa, a não ser vender sua força de trabalho, submetem-se à jornadas exaustivas, salários baixos, ambientes sem nenhuma segurança ou dignidade. Quando o sujeito resiste, o discurso ideológico do burguês o coloca como culpado, como incompetente, marginal, desqualificado para as exigências do mercado. Por isso, a resistência de Deraldo representa, mesmo que de forma isolada, a forma de luta dos trabalhadores.

Há no filme alguns indicativos da luta que foi necessária para a regulamentação

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

das relações de trabalho. Para Hyman, nos países centrais, após 1940, visualiza-se uma ampliação dos direitos do trabalho: limites da jornada de trabalho, remuneração, formas de contratação e a proteção do assalariado (aposentadoria, licença saúde, seguro desemprego). Havia uma tendência que caminhava para a regulamentação do trabalho. Contudo, no Brasil, isso só foi acontecer bem mais tarde, quando nos países centrais já se estava num segundo ciclo do Capitalismo, que caminhava para a desregulamentação do trabalho. O cenário do filme mostra que a exploração do trabalho foi perversa e fez com que os trabalhadores se organizassem através de sindicatos para lutar por melhores condições de trabalho.

Na cena do treinamento, no discurso proferido pelo profissional que fazia o treinamento fica explícito o conteúdo ideológico: “a empresa tem o compromisso de preparar os trabalhadores para se adaptarem bem e não criarem problema para eles mesmos e para a obra”. De modo geral, o início do treinamento parece que não há fala para ser desvendada, pois a técnica de passar por três dias o audiovisual sem diálogo é, sem dúvida, para convencê-los a trabalhar e aceitar as condições precárias de trabalho. Mas, além disso, o conteúdo do audiovisual é perverso – “Antonio Virgulino da Silva, atravessa São Paulo de volta para o Norte como um derrotado” porque não aceitou e resistiu às imposições do mercado de trabalho. Além disso, a cena em que o personagem Antonio Virgulino da Silva é expulso pelos próprios companheiros e leva uma chuva de cuspe por ter resistido à exploração a que ele e os companheiros foram submetidos, revela a forma mais cruel manifestada da captura da subjetividade do trabalhador e, também, uma estratégia tendenciosa para substituir a solidariedade de classe pelo individualismo.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org



**Cena 9: Audiovisual que zomba do nordestino que não se submete as regras do mercado**

## CONCLUSÃO

O cinema é uma particularidade do mundo artístico que remete à totalidade da vida social. Por meio dele, é possível fazer uma leitura e, sobretudo, crítica do estado das coisas. A obra *O homem que virou suco* é um exemplo cabal dessa possibilidade ao evidenciar a desigualdade que há muito tempo corrói a sociedade brasileira. Permite-nos, ainda, fazer um exame das relações e condições de trabalho dos migrantes nordestinos que fazem esse traslado em busca de melhorias na vida e não encontram.

O filme mostra aspectos da sociedade capitalista a partir de dois grandes perfis que se encontram: a deferência e a resistência. De um lado Severino e sua saga em busca de reconhecimento por meio da disciplina ensejada pelo patrão, tão logo traída. Do outro lado, a ousadia de Deraldo. Insubordinado e questionador por natureza, o poeta não fazia coro à subordinação. Dois perfis de uma mesma vida severina. O filme mostra



# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

personagens vilipendiadas pela objetividade do capitalismo, massacrados pela ideologia do patrão, vidas que valem pouco no sudeste. Ao final, indaga-se: para que serve o nordeste, além de exportar nordestinos como faz a música *Mourão Voltado* cantada por Vital Farias, evidenciando que a desigualdade regional é proposital e funcional para o capitalismo no país.

Partindo das questões levantadas com base no filme, buscamos, de certo modo, discutir a problemática em torno do trabalho. Elas nos indicam, fundamentalmente, que é preciso trabalhar na tarefa de romper com essa lógica de exploração e acumulação do capital. As determinações gerais do capital afetam profundamente todas as dimensões da vida social com alcance na cultura, na arte, na educação. Nesse sentido, entendemos que o aprofundamento teórico da relação capital e trabalho e a luta por uma sociedade mais justa e igualitária não pode se dar afastada de uma crítica da historicidade e das formas de sociabilidade que marcaram a formação social e econômica do Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

BERNARDET, J. C. **Cineastas e imagens do povo**. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

GRAMSCI, Antonio. In: Americanismo e Fordismo. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. 4a Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno**, São Paulo: editora Brasiliense, 1992.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausência**. Contribución a la teoría de las representaciones/Henri Lefebvre; trad. de Óscar Barahona y Uxo Douhamboure. México: FCE, 2006.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2ed. Vol I (1983), VII (1985). São Paulo: Abril Cultural (coleção Os economistas).

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do Capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e Educação**. In: Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. Carlos Minayo Gomes [et all]. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1979.